

## IDENTIDADE TEXTUAL E LITERATURA NEGRO-BRASILEIRA: PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE LEITORES LITERÁRIOS E ESCRITORES E A LEI 10.639/03

*TEXTUAL IDENTITY AND BLACK-BRAZILIAN LITERATURE: PROCESSES OF DEVELOPMENT  
LITERARY READERS AND WRITERS AND LAW 10.639/03*

<http://orcid.org/0000-0002-6854-2370> Renata de Oliveira Batista Rodrigues<sup>A</sup>

<sup>A</sup> Fundação Municipal de Educação de Niterói (FME), Niterói, RJ, Brasil

Recebido em: 24 fev. 20223 | Aceito em: 17 jul. 2023

Correspondência: Renata de Oliveira Batista Rodrigues (renataobrodrigues@yahoo.com.br)

### Resumo

O presente artigo discute os processos de identificação com o texto e a literatura negro-brasileira, enquanto criação da população negra, que se constituiu fora do continente africano, configurando uma experiência brasileira. A subjetividade é simultaneamente negra e brasileira, caminhando para a discussão a respeito da luta participativa da população negra nos destinos da nação, especialmente os literários. A literatura é uma instância discursiva importante uma vez que atua no imaginário das pessoas, antes mesmo de ser lida, por conta dos filtros a que é submetida. Os procedimentos metodológicos para a realização do estudo, apontam uma pesquisa bibliográfica que dialoga com as práticas docentes em literatura realizadas em unidades públicas de educação na rede municipal de Niterói. A respeito do referencial teórico, este estudo possui dois pilares: o conceito de representação do Stuart Hall e a literatura negro-brasileira de Cuti. Como resultado da pesquisa, é possível apontar que as experiências negro-literárias foram percebidas enquanto disparadoras de reflexões a respeito das mais diversas questões da existência humana, tanto as raciais, como as de gênero.

**Palavras-chave:** literatura negro-brasileira; identidade textual; imaginário.

### Abstract

This article discusses the processes of identification with the black-Brazilian text and literature, as a creation of the black population, which was constituted outside the African continent, configuring a Brazilian experience. The subjectivity is simultaneously black and Brazilian, leading to the discussion about the participatory struggle of the black population in the nation's destinies, especially the literary ones. Literature is an important discursive instance since it acts in people's imagination, even before being read, due to the filters to which it is subjected. The methodological procedures for carrying out the study point to a bibliographical research that deals with teaching practices in literature carried out in public education units in the municipal network of Niterói. Regarding the theoretical framework, this study has two pillars: the concept of representation from Stuart Hall and Cuti's black-Brazilian literature. As a result of the research, it is possible to point out that black-literary experiences were perceived as triggering reflections on the most diverse issues of human existence, both racial and gender.

**Keywords:** Black-Brazilian literature; textual identity; imaginary.



## Mojubá!

*Alguém lembrou que ainda poderia haver justiça. Que por mais doloroso que fosse o desaparecimento de um líder, a solução para os problemas permanecia no horizonte, a ser perseguida em sua homenagem. Não iriam ceder à violência do momento e agir de forma irresponsável para pôr em risco seus sonhos e perderem de vez a batalha.*

**Itamar Vieira Júnior**

O presente estudo discute as experiências literárias de autoria negra que protagonizam as atividades realizadas na sala de formação do leitor Dandara dos Palmares, situada na Escola Municipal Anísio Teixeira, na rede municipal de Niterói e nas ações desenvolvidas na CEDIF – Coordenação de Educação nas Diferenças, na Fundação Municipal de Educação de Niterói. As reflexões sobre o trabalho pedagógico desenvolvido por entre as tramas negro-literárias consubstanciam diversas indagações e, simultaneamente, expandem demandas da existência humana, que extrapolam as questões raciais e potencializam essas mesmas questões raciais.

Sendo assim, o problema que se constitui é: Como as estratégias assumidas no fazer pedagógico que evidencia a descendência africana negra podem fortalecer as perspectivas de diversidade que são importantes serem pensadas nas escolas? Agora que se tem o problema situado, algumas hipóteses a respeito das perspectivas de diversidade, que se aproximam através do destaque dado ao continente africano negro e sua diáspora, são levantadas.

A primeira hipótese apontada é de que por se tratar de uma rede municipal, onde significativa parcela dos estudantes são oriundos das favelas de Niterói, territórios expressivamente habitados por pessoas de pele negra, faz com que a perspectiva da diversidade se inicie a partir da representação de uma maioria. Maioria que é negada culturalmente e literariamente, ainda em territórios que lhes são próprios. Próprios, porque por situações de marginalidade social e pelo fato da sociedade, comprovadamente pelas estatísticas, ser racista, foram os territórios que restaram, os possíveis. E essa maioria acaba gozando da oportunidade de se ver representada literariamente, percebendo-se, ainda que muito sutilmente, como sujeito também da representação. Ele também é protagonista de histórias e, ali, naquele território, percebe não-brancos que fazem literatura, incluindo ele próprio. A sala Dandara dos Palmares é território também. Assim como, a CEDIF, que

estende suas ações com literaturas de autoria negra às diversas unidades da rede. Território que atua no desenvolvimento não apenas de leitores, mas de escritores, de pensadores.

A outra hipótese também possui algum vínculo com território, mas sob outra perspectiva. A Fundação Municipal de Educação de Niterói possui laços muito estreitos com as universidades situadas no Estado do Rio de Janeiro. O vínculo mais notório é com a UFF – Universidade Federal Fluminense, que possui campus na cidade de Niterói. A cidade também possui algumas áreas nobres e Niterói também costuma ser uma cidade reconhecida por expressivos índices relacionados à qualidade de vida. As crianças dessas áreas nobres, em sua maioria estereotipicamente brancas, também estudam nas escolas da rede e têm a oportunidade de observar representações não-brancas. Aqui, a perspectiva da diversidade aflora na percepção dos brancos também.

São duas hipóteses pensadas numa rede municipal que possui um território híbrido. A primeira, de uma maioria negra periférica que tem a oportunidade de se ver nas histórias e, também, contá-las. A outra, de crianças brancas, que possuem a oportunidade de entender que, pessoas fisicamente diferentes delas, também têm seu protagonismo literariamente.

Atentando para as hipóteses deste breve e não menos intenso estudo, é possível perceber que o problema teórico central está relacionado à territorialidade, que vem a ser o uso que se faz do território. Entendendo que tanto a sala de formação do leitor Dandara dos Palmares, quanto a CEDIF são territórios, assim como a própria cidade, a rede municipal, mas assumindo que o importante são os usos feitos dos referidos territórios. Sendo a territorialidade o conceito central, para pensar as demandas literárias das ações da sala e da coordenação, tanto referente à recepção dos textos pelas crianças, como os potenciais criadores delas. Os processos desenvolvidos nas ações, há de se reiterar, são de formação de leitores literários, de escritores literários e sujeitos pensantes sobre suas existências na sociedade. Outros conceitos potencializam a presente discussão sobre os fazeres pedagógicos das ações, são o de representação, postulado pelo teórico jamaicano Stuart Hall (2016) e o de literatura negro-brasileira, do teórico literário e escritor brasileiro Cuti (2010), ambos homens negros.

Embora tanto na sala de formação do leitor Dandara dos Palmares, quanto na CEDIF – Coordenação da Educação nas Diferenças, especialmente nas literaturas negras, o trabalho seja realizado com autores de diversos países, a opção conceitual de Cuti (2010) por literatura negro-brasileira, em detrimento a alguns teóricos que optam por literatura afro-brasileira,

colabora nas reflexões do teor do trabalho realizado. Cuti desenvolve seu conceito a partir da potência da palavra “negro”. Segundo o teórico, em seu livro intitulado “Literatura Negro-Brasileira”, de 2010, a palavra “negro” possui uma dimensão política importante, que precisa ser preservada. Precisa, porque uma das premissas das atividades com literaturas de origens diferentes países africanos e suas respectivas diásporas é destacar a força de sujeitos que, habitualmente, sofrem com invisibilidade social no mundo contemporâneo. Esses sujeitos, majoritariamente, são de pele não-branca, no caso da nossa sala, negros e indígenas. A questão indígena é bem delimitada na perspectiva da nomenclatura, mas a do negro, por muitas vezes é escamoteada pelo termo “afro”. “Afro” denota uma relação com a África, que hoje não é mais apenas o continente negro. E a proposta da sala de formação do leitor é dar visibilidade a esses sujeitos negros, o que a fixação apenas no termo “afro”, pode inviabilizar. Tanto, que alguns estudiosos ao pensarem em trabalhos com literaturas africanas, acabam recorrendo a escritores brancos, como Mia Couto ou Pepetela. Sendo assim, o termo “afro” acaba servindo, em alguma medida, à falsa ideia de democracia racial, onde trabalhos inspirados nas literaturas africanas e diaspóricas, com intuito de visibilizar os sujeitos invisibilizados, não o faz, pois permanece privilegiando escritores brancos. A professora da UnB Regina Dalcastagné (2005), em pesquisa recente, já relatou sobre a prevalência de escritores brancos brasileiros na publicação de romances, por exemplo.

No entanto, este estudo não descarta a identificação “afro”. Não descarta, pois na sala de formação do leitor Dandara dos Palmares, destacam-se os valores civilizatórios afro-brasileiros organizados por Azoilda Loretto da Trindade, que são: axé (energia vital), cooperativismo (comunitarismo), memória, musicalidade, ludicidade, corporeidade, oralidade, ancestralidade e religiosidade. Porém, é preciso lembrar da potência do Movimento Negro brasileiro, do Dia da Consciência Negra e, até de parte do texto da Lei 10.639/03, que fala em Cultura Negra. Diante da falsa democracia racial que algumas pessoas insistem em afirmar existir no Brasil e do racismo que se amplia na medida em que traços como cabelos crespos e peles mais escuras se evidenciam, é politicamente importante a defesa da palavra “negro” nos trabalhos literários realizados.

Justificar a escrita do presente artigo é das tarefas menos complexas até aqui. Retomando o problema que impulsiona a presente escrita, que é: Como as estratégias assumidas no fazer pedagógico que evidencia a descendência africana negra podem fortalecer as perspectivas de diversidade que são importantes serem pensadas nas escolas? É possível

afirmar que um estudo onde, a partir da produção literária de sujeitos invisibilizados, colabora com a reflexão dessa própria invisibilidade e amplia para outras questões humanas, se auto justifica.

O procedimento de coleta de dados será a análise do planejamento em relação à execução das aulas ministradas e formações realizadas. A colheita será do que se realiza entre a proposta de trabalho e o trabalho que de fato se materializa. A análise teórica estará baseada nos conceitos já citados, como o de territorialidade e o de representação, passando pela potencialização da palavra “negro”, com a finalidade de fortalecer este estudo, que é literário e pensa na recepção de obras por parte dos leitores. É uma escolha metodológica que se aproxima muito da pesquisa-ação, pois é cíclica, contínua.

A partir de agora será feito um mergulho nas atividades realizadas na sala de formação do leitor Dandara dos Palmares, passando um pouco pela sua história, para que haja compreensão melhor da sua constituição e de seu processo de criação e das ações formativas desenvolvidas pela CEDIF.

### **Por uma episteme negra**

*O mundo vê o que deseja ver, ou, na hora da verdade,  
o que você manda que ele veja: ele não quer ver quem  
você é, o que você é ou porque você é.*  
**James Baldwin.**

As experiências negro-literárias da sala de formação do leitor Dandara dos Palmares na CEDIF – Coordenação da Educação na Diferença são pautadas no “Referencial Curricular 2010 Rede Municipal de Ensino de Niterói – Uma Construção Coletiva.” No referido documento, o eixo Linguagens, que compreende a Língua Portuguesa, que foi desdobrada na disciplina Produção Textual e Leitura, prioriza o domínio de diferentes linguagens e formas de expressão (verbal e não-verbal), em articulação com as questões cidadãs e da diversidade cultural. Por esse motivo, o problema desta pesquisa versa sobre a diversidade. E como a decisão pedagógica da sala foi de pensar as questões das Áfricas e a afro-brasilidade, assim se explica a tentativa de refletir a diversidade a partir dessas questões.

De acordo com o referencial supracitado, os conteúdos curriculares do eixo Linguagens, na fase da infância (que no caso da nossa escola compreende o primeiro e o segundo ciclo), atuam

[...] na perspectiva do currículo para Escola de Cidadania e de Diversidade Cultural, ajudam a criança a ampliar suas capacidades de comunicação e expressão, por meio de práticas criativas e usos de diferentes linguagens. [...] Da mesma forma possibilita a construção de conhecimentos, práticas e valores socioculturais determinantes para a formação de uma identidade aberta à valorização da pluralidade cultural. (NITERÓI, 2010, p. 21)

Assim, temos a valorização das diversidades, através do reconhecimento de suas riquezas, o combate a todas as formas de intolerância e violência contra outro, procurando conhecer suas origens e manifestações, o desenvolvimento do posicionamento e relacionamento crítico e autônomo do aluno, além da viabilização do entendimento de que a construção do conhecimento se situa histórico e culturalmente, na prática da pesquisa, articulando conhecimentos curriculares com vivências.

A carência de representações negras poderosas e vitoriosas ainda é percebida nas escolas, especialmente nos materiais didáticos. Sobre representação, Stuart Hall estabelece as considerações a seguir:

O conceito de representação passou a ocupar um novo e importante lugar no estudo da cultura. Afinal, a representação conecta o sentido e a linguagem à cultura. Mas o que isso quer dizer? O que a representação tem a ver com cultura e significado? Um uso corrente do termo afirma que: “Representação significa utilizar a linguagem para, inteligivelmente, expressar algo sobre o mundo e representá-lo a outras pessoas.” Pode-se perguntar com toda razão: “Mas isso é tudo?” Bem, sim e não. Representação é uma parte essencial do processo pelo qual os significados são produzidos e compartilhados entre os membros de uma cultura. Representar envolve o uso da linguagem, de signos e imagens que significam ou representam objetos. (HALL, 2016, p.31).

Sendo assim, é possível entender que os processos de identificação também operam através da representação. A representação expressa algo sobre o mundo para as pessoas. A sala de formação do leitor Dandara dos Palmares e a Coordenação da Educação na Diferença, com a ação intitulada “Protagonismo negro, identidade racial e literatura”, atuam na perspectiva da representação de sujeitos usualmente não representados. E a escolha por representar esses sujeitos, assume uma perspectiva política de contar as histórias que a história não conta oficialmente, através da literatura. Como afirma Cuti (2010, p.93), um dos fundadores da organização literária Quilombhoje<sup>1</sup>, um dos criadores e mantenedores da série Cadernos Negros, além de autor de diversos livros e doutor em Literatura Brasileira pela Unicamp, “a literatura nos traz a história emocionada, não apenas a informação fria do historiador, mas a possibilidade de experimentarmos sensações e emoções de que as personagens ou os ‘eus’ líricos são dotados na obra”.

<sup>1</sup> <https://www.quilombhoje.com.br/site/>

Outro postulado de Cuti (2010, p.12), é a afirmação de que “a literatura é poder, poder de convencimento, de alimentar o imaginário, fonte inspiradora do pensamento e da ação.” Quando uma criança tem oportunidade de se ver representada, especialmente numa perspectiva de potência, seu imaginário é alimentado de uma forma em que ela pode se orgulhar de sua história, da sua presença no mundo e tem sua estima elevada. Quando Cuti fala que a literatura é “fonte inspiradora de pensamento”, é possível ter essa percepção, quando a criança faz analogia do apartheid, por exemplo, que foi um sistema de segregação da população negra, que vigorou entre 1948 e 1994, comandado pela minoria branca na África do Sul, com a vida numa favela brasileira. E a analogia foi de fato feita em sala durante atividades com a biografia de Nelson Mandela.

Seguindo com Cuti, é importante lembrar que ele afirma a literatura enquanto fonte inspiradora não apenas do pensamento, mas também da ação. E o que se pode esperar de uma criança no que se diz respeito à ação em assuntos tão delicados para serem discutidos na infância? É impossível definir ou prever o processamento de uma narrativa ou de uma poesia no imaginário de qualquer pessoa, entretanto é possível contar a ação de uma criança diante da narrativa biográfica de Mandela.

Na medida em que a história foi contada na sala de formação do leitor Dandara dos Palmares, uma criança, segundo sua mãe orgulhosa, recontava a narrativa para os passageiros do ônibus que pegavam para ir e voltar da escola. A mãe falava que, os passageiros, de determinados horários, de uma determinada linha, estavam cientes da biografia de Nelson Mandela, com a riqueza dos detalhes a respeito de sua prisão e das suas lutas e conquistas, mesmo encarcerado. Essa é uma percepção da literatura enquanto fonte inspiradora da ação. Fazer com que histórias muitas vezes silenciadas, deturpadas ou simplesmente resumidas alcancem as pessoas, é ação. Desse modo, permanecemos em Cuti, pois ele afirma que “Os discursos (todos) passam pelo poder dizê-lo. O silêncio pertence à maioria que ouve e, quando muito, repete. Falar e ser ouvido é um ato de poder. Escrever e ser lido, também.” (CUTI, 2010, p. 47)

A literatura em suas inúmeras tentativas de definição e conceituação, constitui uma das instâncias discursivas mais importantes, pois atua na configuração do imaginário de milhões de pessoas. Textos literários, como vimos, chegam a ser impostos como leitura obrigatória em vários momentos de nossas vidas. Em outros são colocados à nossa disposição para que possamos escolher, nas vitrines e prateleiras das livrarias, em bancas de jornais ou nas bibliotecas. Essa disponibilidade de um livro ou qualquer outro material de leitura também é resultado de um ou vários filtros. Filtrar significa reter algo e permitir que algo passe (CUTI, 2010, p.48).

Esse entendimento de literatura, em alguma medida, também justifica a existência da sala de formação do leitor Dandara dos Palmares e a ação da Coordenação da Educação nas Diferenças: “Protagonismo negro, identidade racial e literatura.” Uma vez entendido que os textos literários, que estão largamente à nossa disposição, passam por filtros, não fica difícil entender o porquê das histórias negras não serem usualmente contadas. Por esse motivo, as referidas ações se reafirmam enquanto espaço de formação de escritores e leitores literários, além de pensadores, pautadas na Lei 10.639/03.

## **Saluba!**

*Há três tipos de gente  
Os que imaginam o que acontece  
Os que não sabem o que acontece  
**Sabotage.***

Neste momento do estudo, as duas ações pedagógicas pautadas na Lei 10639/03 realizadas na Fundação Municipal de Niterói, serão discutidas. A primeira delas é a Sala de Formação do Leitor Dandara do Palmares, que fica na E.M. Anísio Teixeira. A segunda é uma ação mais ampliada, que visa atender a toda rede municipal, que se chama Protagonismo negro, identidade racial e literatura.

## **Sala de formação do leitor Dandara dos Palmares**

A sala de formação do leitor Dandara dos Palmares foi criada em fevereiro de 2016. Contudo, as atividades de formação do leitor, com uma professora destinada especificamente a elas, foram iniciadas um pouquinho antes, em julho de 2015.

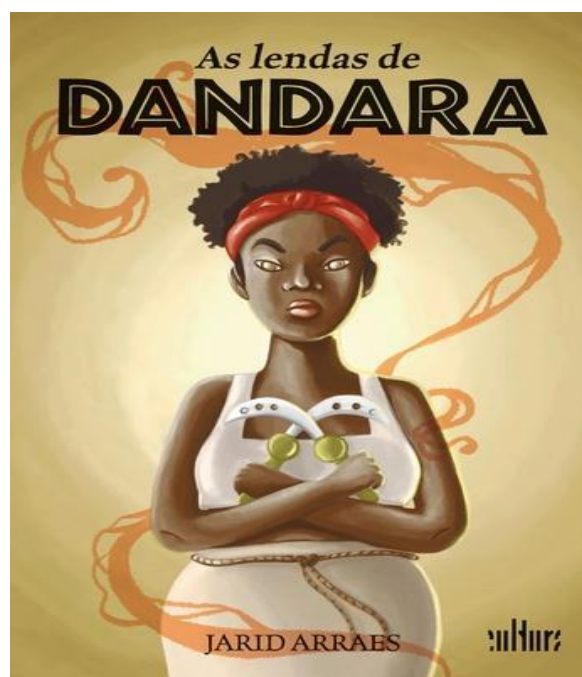
A E.M Anísio Teixeira, como um todo, sempre transbordou afro-brasilidades em suas práticas. Nos anos de 2014 e 2015, por exemplo, em comemoração ao Dia da Consciência Negra, que é celebrado em 20 de novembro, foram realizadas duas edições do Samba das Crianças, que foi, nesses dois anos, o evento oficial da escola para enaltecer Zumbi dos Palmares. No próprio ano de 2016, ano da criação da sala de formação do leitor Dandara dos Palmares, o projeto anual da escola tinha como tema as Áfricas e africanidades. Sendo assim, decidiu-se que a sala de formação do leitor seria o espaço de desenvolvimento de práticas escritoras e leitoras literárias e de consolidação da implantação da Lei 10.639/03, que torna obrigatório o ensino da História e Cultura Afro-Brasileira.



A escolha de Dandara dos Palmares para ser nome da sala, deveu-se ao fato de ser uma personalidade feminina da história brasileira, pouco estudada, em um espaço majoritariamente ocupado por mulheres, que são as escolas de educação básica, nas séries iniciais.

As primeiras atividades realizadas na sala de formação do leitor Dandara dos Palmares, foram com a própria, por meio de “As lendas de Dandara”, de Jarid Arraes. Esta é uma obra literária que opera entre a ficção, a história e a fantasia em que dez contos sobre a guerreira quilombola Dandara dos Palmares são narrados. A inspiração dos contos são fatos da história do Brasil, que valorizam a cultura afro-brasileira e a memória de Dandara dos Palmares, que é frequentemente esquecida.

**Figura 1** – Capa do livro.



**Fonte:** Acervo pessoal da autora do artigo.

A ideia inicial foi trabalhar com uma representação, com uma imagem de Dandara, para maiores aproximações das crianças com ela. Após algumas buscas, não muito bem-sucedidas, pois existem muito poucos registros sobre Dandara, finalmente chegou-se a uma pequena animação, disponível na página da própria Jarid Arraes. Era um trecho da lenda “Fogo na casa-grande”, em que Dandara aparece com uma postura de guerreira e heroína. As crianças se apaixonaram.

Dentre os contos escolhidos para leitura, “Fogo na casa-grande” foi unanimidade nos pedidos das crianças para ouvir novamente. E apareciam mais perguntas sobre a vida de

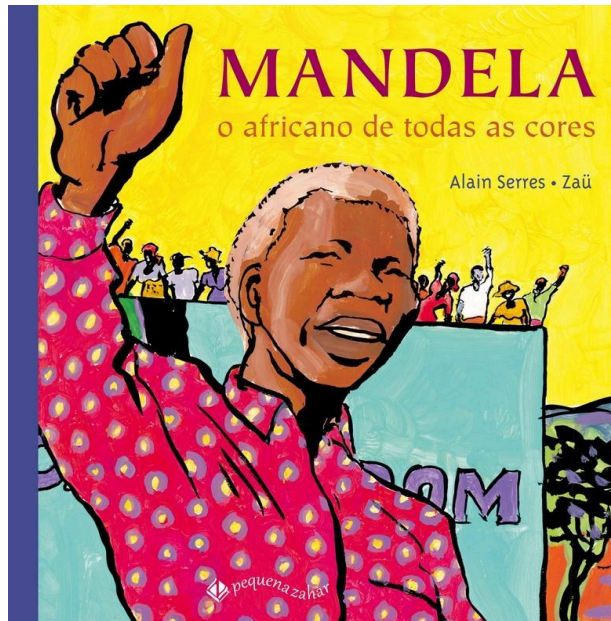
Dandara, se ela ainda estava viva, se ela teve filhos. Sem que fosse solicitado, as crianças começaram a pesquisar em casa, trazer fotos impressas retiradas da internet. Foi um fenômeno à altura da personalidade importante da história brasileira, que é Dandara dos Palmares.

A literatura tem esse poder pois mexe com as emoções e possibilita as experimentações de sensações e emoções de que as personagens ou os ‘eus’ líricos são dotados na obra. A contação da história aliada à exibição da animação promoveu um encantamento em grandes proporções, que facilitou o desenvolvimento do trabalho. E assim se faz com *As lendas de Dandara*, de Jarid Arraes:

A noite era de lua minguante; fria e profundamente escura. Os guerreiros de palmares precisavam de muito cuidado para correr entre as árvores, mas deslizavam pelo solo coberto de folhas como pássaros voando pelos céus. Seus músculos eram rígidos como pedras e, agora, acumulavam armas de fogo em quantidade suficiente para enfrentar vários exércitos. Ninguém sentia medo. Dandara havia se encarregado de acompanhar cada um deles, com técnicas de fortalecimento mental, longas conversas e orientações estratégicas para quase todas as situações possíveis (ARRAES, 2015, p. 102).

Essa possibilidade de trazer a história emocionada, como acontece no trecho supracitado, que permite a experimentação de sensações e emoções, se faz presente na literatura, quando há escolha de contar até mesmo o que a história oficial conta. De acordo com Cuti (2010), a experiência é conferida pela literatura. E essa experiência, quando proporciona encantamentos, permite que mesmo as temáticas antes silenciadas nas escolas, se desenvolvam com mais leveza e boa recepção, tanto dos estudantes, quanto das suas respectivas famílias. Nas ações realizadas na sala de formação do leitor, várias atividades comprovam que muitos fatos históricos são experimentados através da leitura literária. Uma certa dose de ficção, amplia as possibilidades de recepção de vozes outras, saberes outros. Isso se reafirmou quando a leitura da obra “Mandela: o africano de todas as cores”, de Alain Serres e Zaü, foi compartilhada com as crianças.

**Figura 2** – Capa do livro.



Fonte: Acervo pessoal da autora do artigo

O livro conta a história de Nelson Mandela, desde seu nascimento, numa aldeia na África do Sul; sua chegada à escola, o momento em que recebeu seu nome “de branco”, que é Nelson; passando pelos seus quase trinta anos de resistência na prisão e sua conquista pela liberdade; sua chegada à presidência da república e morte.

Por se tratar de uma biografia extensa e com muitos detalhes, a contação dessa história se estendeu por algumas semanas. A cada aula uma parte era contada. As crianças aguardavam com ansiedade e, ao ouvirem a história, havia algumas interrupções para as analogias que elas conseguiam estabelecer. Uma analogia bastante marcante foi a de uma criança, já contada neste artigo, que ao ouvir na narrativa que a força policial na África do Sul atirou em manifestantes pacíficos, desarmados e quase setenta deles morreram, falou de um tio que estava voltando do trabalho, e ao chegar na favela onde morava, foi morto, por engano. A criança afirmava: “Tia, meu tio era igual a esses [os manifestantes da África do Sul] que morreram na história de Mandela, não era bandido não”.

As crianças acompanhavam como se fosse uma novela. Elas se espantavam com a trajetória de Mandela na prisão, mas ficavam admirados com a resistência dele, que não cedia a negociações para ser libertado, pois percebia que não alcançaria benefícios para a população da África do Sul.

Essa dimensão de luta e resistência, em detrimento às representações simplesmente dolorosas dos negros na história mundial, é, também, um dos motores do trabalho desenvolvido na sala de formação do leitor Dandara dos Palmares.

### **Protagonismo negro, identidade racial e literatura**

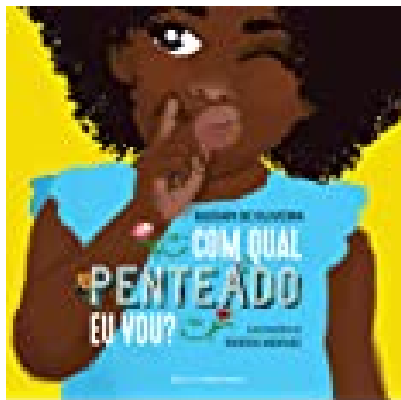
Neste momento, são reunidas as reflexões sobre ações pedagógicas com leituras literárias de autoria negra experienciadas na rede municipal de Niterói. A primeira foi realizada em uma escola entre os anos de 2016 e 2019, que envolveu a criação da “Sala de Formação do Leitor Dandara dos Palmares”, onde eram desenvolvidos trabalhos de escrita e de formação literária a partir de questões étnico-raciais. A segunda, iniciada em 2022, refere-se à atividade “Protagonismo Negro, Identidade Racial e Literatura”, que vem sendo desenvolvida em toda a rede e que positiva as identidades negras com a literatura através da CEDIF – Coordenação da Educação na Diferença. Tais ações estão sendo aqui problematizadas a partir do conceito de literatura negro-brasileira, de Cuti (2010), especialmente pelo entendimento desse autor de que as produções das escritoras e escritores estão vinculadas às suas experiências e aos seus respectivos preconceitos e que a ruptura com este ciclo só é possível por intermédio de quem sofre ou quem desejar se comprometer com a causa. O objetivo da presente proposta é demonstrar o cumprimento da Lei 10.639/03 para fortalecimento das construções das identidades negras por meio da literatura negro-brasileira. Pensando nos limites espaciais em que a sociedade brasileira se constitui, a escola, e neste caso, a pública, acaba se tornando um dos espaços de circulação e partilha de bens culturais. Quem são esses estudantes? Quem são as professoras e os professores? A quem é permitida a partilha? Reafirmando a compreensão de que as rupturas com práticas preconceituosas são realização, principalmente, de quem sofre com elas, há uma conversa com os estudos de Nilma Lino Gomes (2017) sobre o Movimento Negro Brasileiro como educador, produtor de saberes emancipatórios e um sistematizador de conhecimentos sobre a questão racial no Brasil, uma vez que as ações pedagógicas basilares para as discussões deste estudo são realizadas por professora negra.

As ações pedagógicas até então desenvolvidas, privilegiam as dimensões literárias. Os estudantes já tiveram a oportunidade de assistir e discutir o curta do diretor Luís Antônio Pilar, intitulado “O papel e o mar.” O curta, com pouco mais de treze minutos, narra um encontro de duas personalidades brasileiras: a escritora Carolina Maria de Jesus e o

marinheiro João Cândido. O curta foi filmado no final dos anos 2000, na Praça XV, Rio de Janeiro, mas ambientado no ano de 1958. Além da exibição do curta, uma das premissas foi o compartilhamento da obra literária de Carolina Maria de Jesus e a outra foi localizar ambas as personalidades na história do Brasil, ressaltando o protagonismo negro.

Além dessa atividade, que se destacou, muito provavelmente por caminhar com o audiovisual, algumas atividades com a contação de histórias foram realizadas.

**Figura 3** – Capa do livro.



**Fonte:** Acervo pessoal da autora do artigo

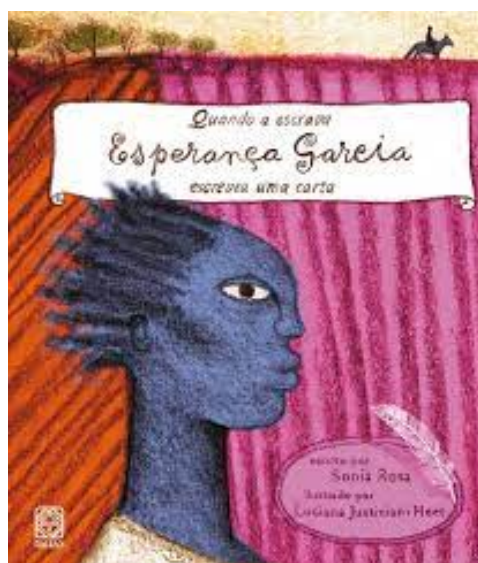
**Figura 4** – Capa do livro.



**Fonte:** Acervo pessoal da autora do artigo

Títulos como “Com qual penteado eu vou?”, da Kiusam de Oliveira, “O Pequeno Príncipe Preto”, do Rodrigo França e “Quando a escrava Esperança Garcia escreveu uma carta”, de Sonia Rosa, fizeram parte do repertório literário compartilhado nas escolas.

**Figura 5** – Capa do livro.



**Fonte:** Acervo pessoal da autora do artigo

O discurso da escritora Chimamanda Ngozi Adichie (2009), em “O perigo de uma história única”, dialoga com o trabalho de contação de histórias realizado nas escolas, pois opera na ideia de repensar que sensíveis têm sido partilhados (RANCIÈRE, 2009). Por meio de várias pequenas histórias, de diferentes povos, inclusive alguns muito próximos geograficamente a Chimamanda, a autora afirma que não existe uma única história e discute as percepções do outro e nossas percepções sobre o outro. Sendo assim, nojo e fascínio são construídos a partir das narrativas que nos rodeiam e muitos horizontes de expectativas a respeito de coisas que fascinam estão construídos em cima de uma matriz única do que é considerado belo e admirável. Num sentido amplo, é importante formar um público leitor negro e um público leitor não-negro que, enquanto brasileiros, poderá tanto se reconhecer, quanto reconhecer o outro nas histórias contadas ou no fazer poético. A literatura permite aproximações afetivas. E são essas aproximações afetivas parte do caminho para que possamos fazer com que a lei 10369/03 seja cumprida.

### **Não, não é um ponto final!**

*A minha existência é luta negra  
Baco Exu do Blues.*

O presente artigo se dedicou a compartilhar e pensar algumas experiências com literaturas de autoria negra acontecidas em ações realizadas pela Fundação Municipal de Educação de Niterói. Foram experiências na perspectiva da representação negra, de forma a proporcionar uma discussão ampla em torno das existências. Para tanto, o problema delimitado foi: Como as estratégias assumidas no fazer pedagógico que evidencia a descendência africana negra podem fortalecer as perspectivas de diversidade que são importantes serem pensadas nas escolas?

Inicialmente, foram apresentadas duas hipóteses: uma voltada para o orgulho e pertencimento das crianças negras e todas as não-brancas e outra pautada no reconhecimento, por parte das crianças brancas, de que não são apenas as pessoas com o mesmo tom de pele que elas, as produtoras de cultura. De acordo com o estudo que se estabeleceu, ambas se confirmam, pois as duas respondem ao problema de pesquisa no quesito fortalecimento das perspectivas de diversidade. Mesmo com trabalhos centrados nas múltiplas identificações

negras, as perspectivas dos trabalhos realizados estão voltadas para a discussão, por parte das crianças, de percepções não comumente compartilhadas. E quando é possível que a criança estabeleça analogias e, se permita passar histórias adiante, é um indicativo que ela está aberta ao diálogo e à aquisição novos conhecimentos.

## Referências

- ADICHIE, C. N. *O perigo de uma única história*. Disponível em [https://www.ted.com/talks/chimamanda\\_adichie\\_the\\_danger\\_of\\_a\\_single\\_story/transcript?language=pt-br](https://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story/transcript?language=pt-br), Acesso em: 15 jan. 2019.
- ARRAES, J. *As lendas de Dandara*. Liro: Editora Livre, 2015.
- CUTI. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.
- GOMES, N. L. *O movimento negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação*. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.
- HALL, S. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Tradução de Adelaine La Guardia Resende. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- HALL, S. *Cultura e representação*. Tradução de Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Editora da PUC-Rio, 2016.
- ISER, W. A interação do texto com o leitor. In: LIMA, L. C. (org.). *A literatura e o leitor: textos de estética da recepção*. Tradução de Luiz Costa Lima. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- ISER, W. *O fictício e o imaginário: perspectivas de uma antropologia literária*. Tradução de Johannes Kretschmer. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2013.
- RANCIÈRE, J. *A partilha do sensível: estética e política*. Tradução de Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO/Editora 34, 2009.
- SERRES, A. *Mandela: o africano de todas as cores*. São Paulo: Editora Pequena Zahar, 2013.
- SPIVAK, G. C. *Pode o subalterno falar?* Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- TRINDADE, A. L. da (org.). *Africanidades brasileiras e educação: salto para o futuro*. Rio de Janeiro: TV escola /MEC, 2013.
- <https://revistacult.uol.com.br/home/quem-e-e-sobre-o-que-escreve-o-autor-brasileiro/> Acesso em: 11 mai. 2019.